



A ICTIOFAUNA DA MARGEM DO BAIXO RIO CAPIBARIBE, RECIFE, PERNAMBUCO

M. L. A. Lins¹, S. S. Campos² & S. F. Teixeira¹

¹Universidade de Pernambuco, Depto. de Biologia - Laboratório de Ecologia de Peixes Tropicais, ²CEFET-PE Rua Arnóbio Marques, 310, Santo Amaro, Recife/PE. e-mail: marianalalins@gmail.com

INTRODUÇÃO

O monitoramento da ictiofauna em rios é fundamental para identificar o modo como o ambiente tem respondido aos impactos antrópicos (Oliveira & Bennemann, 2005; Teixeira *et al.*, 2005; Vieira & Shibatta, 2007). Além disso, o estudo da diversidade de peixes e seus padrões de variações espacial e temporal são de extrema relevância para a análise da qualidade ambiental, possibilitando o desenvolvimento de planos que minimizem a degradação dos rios e regulamentem a utilização dos recursos hídricos (Teixeira *et al.*, 2005).

O rio Capibaribe é responsável pelo abastecimento de várias cidades de Pernambuco, porém, o baixo rio Capibaribe, que banha o município de Recife, foi classificado como de qualidade “muito poluída” e seu estuário como apresentando “alta ação antrópica”, segundo a Agência Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (CPRH).

OBJETIVO

O presente trabalho teve como objetivos caracterizar a ictiofauna da região do baixo rio Capibaribe, na cidade de Recife, e determinar a estruturação da comunidade de peixes, a fim de contribuir com sua conservação.

MATERIAL E MÉTODOS

Foram determinadas duas estações de amostragem no baixo rio Capibaribe, em Recife, uma no bairro da Torre (estação 1), na Avenida Beira Rio, e outra na Ilha do Retiro (estação 2), próximo à foz deste rio.

A coleta dos peixes foi feita com rede de arrasto (20m de comprimento, 1,5m de altura, e malha com entrenós adjacentes de 5mm), mensalmente, de outubro de 2006 a março de 2007. Em cada estação foram realizados dois arrastos e os peixes capturados em cada arrasto foram acondicionados

em sacos plásticos, devidamente identificados, e preservados em formol a 10%, para posterior triagem e identificação em laboratório.

A Análise de Variância dois critérios (ANOVA) foi utilizada para comparar o número de peixes entre as estações e entre os meses (Zar, 1996). O teste LSD-t (Least Significant Difference) foi executado para apontar as diferenças entre as médias dos tratamentos (Zar, 1996). Todos os testes foram efetuados ao nível de significância de 5%.

A caracterização da comunidade local de peixes foi determinada pela diversidade de Shannon e Wiener, equitabilidade e dominância de Simpson, computados através do programa ECOLOGIA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram coletados 1.441 indivíduos, pertencentes a 4 ordens, 6 famílias, 9 gêneros e 11 espécies. Perciformes foi a ordem que predominou com 7 espécies, seguida de Cyprinodontiformes com 2, Pleuronectiformes com 1 e Elopiformes com 1, corroborando com outros resultados em que Perciformes apresenta maior riqueza de espécies (Spach, 2003; Godefroid, 2005). A contribuição do número total de peixes capturados por ordens foi de 47,3% para Perciformes, 28,9% para Cyprinodontiformes, 21,7% para Pleuronectiformes e 2,2% para Elopiformes, concordando com outros trabalhos realizados em regiões estuarinas (Fávaro, 2004; Teixeira *et al.*, 2005). A família com maior número de espécies foi Gobiidae (5), seguida de Poeciliidae (2). As espécies mais abundantes foram *Gobionellus boleosoma* (35,9%) e *Poecilia vivipara* (27,0%). A espécie *Gobioides broussonetii* ocorreu apenas na estação 1 e *Mugil curema*, que é marinha dependente de estuário (Menezes & Figueiredo, 1985), apenas na estação 2, que está situada mais próxima do oceano.

As duas estações de coleta apresentaram a mesma riqueza de espécies (10), havendo contudo 190 indivíduos coletados na estação 1 e 1.251 indivíduos

na estação 2, sendo significativamente diferentes ($P = 0,0195$). Provavelmente, como a estação 2 sofre maior influência marinha o ambiente esteja menos impactado pelos efeitos antrópicos urbanos, fato este que foi observado por Cunha (2005) em rios estuarinos do Amapá. Com relação à abundância dos peixes houve diferença significativa entre os meses ($P = 0,0429$), e o teste LSD-t indicou que a maior abundância de peixes foi no mês de outubro e que este foi significativamente diferente dos meses de dezembro, janeiro, fevereiro e março.

De um modo geral, a diversidade de espécies foi maior na estação 1, com exceção do mês de fevereiro, em que a estação 2 apresentou maior diversidade. Com relação ao mês, o que apresentou maior diversidade foi novembro (0,995 na estação 1 e 0,943 na estação 2). As espécies encontraram-se bem distribuídas, exceto na estação 2 nos meses de dezembro e janeiro, cuja equitabilidade foi de 0,237 e 0,292, respectivamente, havendo uma baixa diversidade (0,328 na estação 1 e 0,321 na 2) observada pela dominância de *P. vivipara* nestas estações ($D = 0,860$ e $0,847$, para as estações 1 e 2, respectivamente). Vieira & Shibatta (2007) também observaram a presença de um poecilídeo, a *P. reticulata*, como espécie dominante em rios antropizados.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a abundância das espécies do rio Capibaribe aumenta em direção a foz, provavelmente, devido à interferência do mar, melhorando a qualidade ambiental do habitat. Apesar de ser um rio afetado por ações antrópicas, o mesmo apresenta uma considerável diversidade de peixes. Entretanto, esta diversidade se dá em decorrência da predominância de espécies indicadoras de ambientes degradados, como *Poecilia vivipara*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cunha, A. C., Cunha, H. F. A. Monitoramento de Águas Superficiais em Rios Estuarinos do Estado do Amapá sob Poluição Microbiológica. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi*, 1(1): 191-199, 2005.
- Fávaro, L. F. A ictiofauna de áreas rasas do complexo estuarino baía de Paranaguá, Paraná. Tese de doutorado. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). 2004. 80 p.
- Godefroid R. S., Spach, H. L., Santos, C., Maclaren, G. N. Q., Schwarz, Jr, R.. Mudanças temporais na abundância e diversidade da fauna de peixes do infralitoral raso de uma praia, sul do Brasil. *Iheringia. Série Zoologia*, 94 (1): 95-104. 2005.
- Menezes, N. A., Figueiredo, J. L. *Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil V. Teleostei 4*. Museu de Zoologia - USP. São Paulo. 1985. 105 p.
- Oliveira, D. C., Bennemann, S.T. Ictiofauna, recursos alimentares e relações com as interferências antrópicas em um riacho urbano no sul do Brasil. *Biota Neotropica*, 5(1): <http://www.biotaneotropica.org.br/v5n1/pt/abstract?article+BN02905012005>. 2005.
- Spach, H. L., Santos, C., Godefroid, R. S. Padrões temporais na assembléia de peixes na gamboa do Sucuriú, Baía de Paranaguá, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia*, 20 (4): 591-600. 2003.
- Teixeira, T.P., Pinto, B.C.T., Terra, B. F., Estiliano, E.O., Gracia, D., Araújo, F.G. Diversidade das assembléias de peixes nas quatro unidades geográficas do rio Paraíba do Sul. *Iheringia. Série Zoologia*, 95 (4): 347-357. 2005.
- Vieira, D.B., Shibatta, O.A. Peixes como indicadores da qualidade ambiental do ribeirão Esperança, município de Londrina, Paraná, Brasil. *Biota Neotropica*, 7(1): <http://www.biotaneotropica.org.br/v7n1/pt/abstract?article+bn01407012007>. 2007.